



---

## 20. Domingo depois de Pentecostes (17.10.04) Próprio 24

### 1ª leitura (Antigo Testamento) – Gênesis 32.3-8,22-30

Trata-se de um dos mais enigmáticos textos do Antigo Testamento. Jacó é o patriarca que recebe um novo nome (Israel), que mais tarde tornar-se-á nome do estado.

Jacó não era exatamente um modelo de retidão. Ambicioso, aproveitou-se de um momento de fragilidade de seu irmão Esaú para roubar-lhe o direito de primogenitura. Conseguiu enganar o próprio pai Abrão para receber a bênção que pertenceria, de direito, ao seu irmão. Trapaceou e foi trapaceado também por seu sogro Labão. Mas, ao final enriqueceu e agora estava voltando para sua terra natal com medo do reencontro com Esaú.

Na noite anterior ao encontro com seu irmão, Jacó enfrenta um ser misterioso. Algumas tradições falam que era um "homem", outras, que era um "anjo", enviado de Deus ou o próprio Deus. Interpretações psicanalíticas propõem que Jacó lutava com seus próprios sentimentos de culpa. O fato é que foi um evento extraordinário, até hoje envolto numa misteriosa névoa. Jacó e o outro; Jacó e o mistério; Jacó e o indizível; Jacó e o inominável. O fato é que agora Jacó estava desprotegido, frágil, sozinho, diante do mistério maior que envolvia sua vida passada, presente e futura.

O que mais chama a atenção no texto realmente é a perseverança e obstinação de Jacó em conseguir o que queria: uma bênção. O ser misterioso, ao final, reconhece essa determinação, o abençoa e lhe dá um novo nome que expressa uma vocação, sua razão de ser. Israel significa "Que Deus se mostre forte", nome relacionado à energia que o patriarca mostrou na sua luta contra um ser sobrenatural e contra as forças da natureza por ele representadas. A narrativa evoca as lutas que marcam o destino dos descendentes de Jacó.

A figura de Jacó é um "tipo" ou um arquétipo que representa uma certa dimensão da condição humana: nossos desejos e ambições, nossos erros do passado, as culpas que carregamos. Mas também a coragem de se apresentar completamente despido diante do Sagrado, sem nada a esconder, mas com muito a perder ou a ganhar. Por isso desde as mais antigas tradições da igreja (Orígenes e Jerônimo), este episódio tem sido interpretado como a imagem do confronto com o mistério de Deus, do combate espiritual e da eficácia de uma oração perseverante. (CEBC)

### 2ª leitura – II Timóteo 3.14-4.5

Boa parte da culpa do sentimento de insatisfação que invade os corações de milhões de pessoas ao redor do mundo, vem da sensação do fracasso. As pessoas não sentem que foram capazes de realizar alguma coisa de relevante em suas vidas. Por isso sentem um enorme vazio, uma sensação de que nada fizeram na vida. O que poucas pessoas conseguem compreender, é que esta incapacidade de realizar algo de relevante na vida é resultado da falta de disciplina e perseverança naquilo que se



pretende realizar. A falta de disciplina faz com que o estudante não se prepare adequadamente para o vestibular, ou com que o escritor entregue o trabalho no prazo acertado. Milhões de pessoas se lembram da sensação de fracasso ao começar e jamais terminar alguma coisa. Isto ocorre também no ministério sacerdotal. É possível que muitos antigos sacerdotes sejam pessoas insatisfeitas com suas vidas porque lhes faltou disciplina para realizar alguma coisa específica. Pensando nesta possibilidade que frustra a vida de qualquer pessoa, Paulo escreve ao seu *filho na fé* sobre um tema de absoluta importância: A realização plena do ministério. Segundo nos ensina o apóstolo Paulo no texto da Epístola de hoje, a realização plena do ministério envolve três elementos que são apresentados neste texto.

A realização plena do ministério envolve em primeiro lugar, **permanência no que aprendeu**. (3: 14). Paulo instrui ao jovem ministro à permanência. Muito pouca gente hoje é capaz de permanecer algum tempo em seus afazeres de forma disciplinada. Esta *futilidade* com a qual tratamos aquilo que é verdadeiramente importante para nós, acaba por destruir a base de nossa auto-estima. Vivemos em um mundo fútil onde a imagem assume contornos de absolutidade. A consequência disso é que nos esquecemos daquilo que é realmente importante para valorizar o trivial, o banal, o secundário e o acessório. Na guarda daquilo que realmente importa, Paulo faz referência àqueles que foram responsáveis pelo aprendizado de Timóteo. Ele cita a presença da família e da comunidade, ou seja, sua avó Loide, sua mãe Eunice, e o próprio apóstolo. (1:5) Não podemos rejeitar impunemente as orientações que nos foram dadas por nossos pais, avós, e pela comunidade dos fieis.

A superioridade das instruções advindas da comunidade e da família sobre aquelas advindas da simples razão reside no fato de que naquela há a presença do amor e da afetividade. Hoje, mais do que nunca, é preciso que saibamos valorizar estes elementos que durante muito foram identificados com um "aparelho repressor". A família e a comunidade representam os primeiros lugares de socialização e de formação de nossa identidade. Rejeitar estes elementos significa abrir mão até de nós mesmos e do que somos. Minha tia, aquela que foi responsável pela minha criação, sempre dizia que "se conselho fosse bom não se dava, mas se vendia!" Com esta frase comum ela queria dizer que os conselhos são tão importantes que deveriam ser comprados. Quanta dor seria evitada se déssemos ouvidos aos nossos queridos e à nossa comunidade.

A realização plena do ministério envolve em segundo lugar, **proclamação da Palavra**. (4: 2). Um dos elementos importantes que Timóteo recebeu na sua instrução familiar e discipular com Paulo foi a importância das Escrituras no seu ministério. As Escrituras são importantes porque foram "sopradas" ou "inspiradas" por Deus. (v.16) As Santas Escrituras representam o relato inspirado das ações de Deus na nossa realidade. Com ela podemos aprender muito. Aqui nos vemos diante de uma outra verdade, ela é útil (v. 16). Útil para instruir, corrigir, orientar, ensinar, corrigir, repreender, etc. Além disso, ela também pode nos prevenir das fábulas e das idéias absurdas que surgiriam dentro da comunidade da fé (v.3). Isto significa que ela deve ser anunciada e proclamada sempre (v. 2). Proclamar a tempo e a fora de tempo, significa não perder as oportunidades para apresentar aos outros – em bons ou maus momentos - as verdades que estavam contidas nas Escrituras sobre o Cristo.



A realização plena do ministério envolve em terceiro lugar, **sobriedade em tudo** (4: 5). Em contraste com os cismáticos, o "tu porem" de Paulo é significativo. Kelly nos diz que o imperativo usado (Gr. *Nêphe* - "sê sóbrio") dá a idéia, "não que o ministro cristão deve ser calmo e imperturbável, nem sequer sempre alerta, mas, sim, que deve conservar-se longe do vinho forte, que sobe à cabeça, do ensino herético". Timóteo deveria ser sóbrio ao suportar os sofrimentos. Assim como Paulo havia resistido à dor e às perseguições, Timóteo deveria seguir seu exemplo. A sobriedade de Timóteo deveria se fazer notar também no exercício da pregação de Evangelho. Aqui, a expressão "evangelho" contrasta com as "fábulas" que os cismáticos pregavam. O ministro, em função de sua sobriedade, não se deve deixar levar por mensagens absurdas que surgem a cada momento em nossa sociedade.

Se Timóteo for capaz de cumprir a estas orientações, ele certamente cumprirá cabalmente seu ministério. Deus nos faça capaz de cumprir cabalmente o ministério que ele pôs em nossas mãos para fazer. (JLFA)

### Santo Evangelho - Lucas 18.1-8a

Na época da redação de Lucas a fé de algumas comunidades começava a ser questionada devido ao retardamento da Parousia, tal como esperada por alguns. Em meio a tudo isso, vivia-se o aumento das perseguições, agora não apenas da parte dos judeus, mas também dos romanos. Daí a importância da preservação desse ensinamento de Jesus a respeito da perseverança na oração.

Há muitas leis no AT referentes às viúvas. Isso porque numa sociedade machista, as mulheres em geral dependiam inteiramente dos maridos e dos filhos. Uma viúva, se não contasse com o apoio da família, certamente padeceria necessidades. No próprio início da Igreja, os cristãos já se preocupavam com as viúvas dos helenistas. A viúva representa uma classe de pessoas que só têm a Deus por legítimo guardião. É um símbolo típico dos impotentes e oprimidos. Aqui no texto vemos uma viúva que, conhecendo seus direitos legais que estavam sendo violados, espera que um juiz a atenda. Observemos que ela não está pedindo nada absurdo. Apenas quer justiça e o que é seu, de direito.

O outro personagem é o juiz. Dele se diz que não temia a Deus nem respeitava os homens. O poder lhe embriagara de tal modo que ele parecia estar acima de todo direito e de toda justiça. Na literatura profética há várias acusações contra os juizes que sempre favoreciam aqueles que podiam pagar-lhes propinas ou subornar sentenças. Nada muito diferente do que vemos até hoje em nossa sociedade - o poder financeiro determinando o poder judiciário.

A mulher está numa situação desesperadora. É uma viúva, sem dinheiro, que tem que lutar sozinha por seus direitos, que não tem amigos poderosos que intercedam por ela. Mas ela tem algo que jamais pode faltar à fé crista: perseverança, teimosia, garra. Essa viúva bem poderia chamar-se "Maria", aquela da música de Milton Nascimento: "é preciso ter força, é preciso ter garra, é preciso ter gana sempre... quem traz no corpo essa marca possui a estranha mania de ter fé na vida".



---

Naturalmente, o núcleo do texto quer fazer daquela viúva um exemplo para a Igreja perseguida e desesperada. Se as necessidades daquela mulher foram atendidas por um juiz iníquo, quanto mais às do povo cristão que ora não a um juiz fraudulento, mas a um Pai amoroso.

A perseverança na luta em oração com Deus é o tema central desse domingo. Há várias semelhanças que podem ser exploradas entre o texto do Evangelho e a estória da perseverante luta de Jacó com Deus. Devemos buscá-lo sempre, mais ainda quando parece distante e quando nossa confiança vacila. (CEBC)